

Tradução do russo e edição por CN, 3.06.2014

(original em: http://grachev62.narod.ru/stalin/t10/t10_04.htm)

Conversa com a primeira delegação de sindicalistas norte-americanos¹

I.V. Stáline

9 de Setembro de 1927

I. As perguntas da delegação e as respostas do camarada Stáline

Pergunta I: *Que princípios novos foram acrescentados por Lénine e pelo partido comunista ao marxismo? Será correcto dizer que Lénine acreditava na «revolução criativa», enquanto Marx se inclinava mais a esperar que o desenvolvimento das forças económicas atingisse o seu auge?*

Resposta: Penso que Lénine não «acrescentou» quaisquer «novos princípios» ao marxismo, tal como não aboliu nenhum dos «velhos» princípios do marxismo. Lénine foi e continua a ser o discípulo mais fiel e conseqüente de Marx e de Engels, integralmente apoiado nos princípios do marxismo.

Mas Lénine não foi um mero executante da doutrina de Marx e Engels. Foi também um continuador da doutrina de Marx e Engels.

O que significa isto?

Significa que desenvolveu a doutrina de Marx e Engels, em conformidade com as novas condições do desenvolvimento, em conformidade com a nova fase do capitalismo, em conformidade com o imperialismo. Isto significa que, desenvolvendo a doutrina de Marx nas novas condições da luta de classes, Lénine trouxe ao acervo comum do marxismo algo de novo em comparação com o que foi deixado por Marx e Engels, em comparação com o que podia ser deixado no período pré-imperialista do capitalismo. No entanto, tudo o que de novo Lénine trouxe ao marxismo baseia-se integralmente nos princípios deixados por Marx e Engels.

Neste sentido, falamos do leninismo como o marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletárias.

Eis algumas questões em cuja esfera Lénine contribuiu com algo de novo, continuando a desenvolver a doutrina de Marx.

¹ Stáline, *Obras* (em russo), OGIZ, 1949, t. 10, pp. 92-148. Texto publicado pela primeira vez no *Pravda*, 15 de Setembro de 1927. Nesta tradução tivemos em conta a edição norte-americana da Workers Library Publishers, de Dezembro de 1927, (disponível em *Marxists Internet Archive*), onde consta nomeadamente a lista dos membros da delegação que apresentamos no final do texto. (N. Ed.)

Primeiro, a questão do capitalismo monopolista – do imperialismo, como nova forma do capitalismo.

Marx e Engels, em *O Capital*, fizeram uma análise dos fundamentos do capitalismo. Mas Marx e Engels viveram no período da dominação do capitalismo pré-monopolista, no período da evolução suave do capitalismo e da sua expansão pacífica a todo o globo terrestre.

Esta velha fase terminou entre o final do século XIX e o início do século XX, quando Marx e Engels já tinham falecido. É evidente que Marx e Engels apenas poderiam antever estas novas condições de desenvolvimento do capitalismo, que surgiram na sua nova fase imperialista e monopolista, quando a evolução uniforme do capitalismo deu lugar à evolução por saltos, caótica, quando o desenvolvimento desigual e as contradições do capitalismo se manifestaram com particular força, quando a disputa dos mercados de escoamento e de exportação de capitais, nas condições de um desenvolvimento extremamente desigual, tornou inevitáveis as guerras periódicas imperialistas pela partilha do mundo e das esferas de influência.

Aqui o mérito de Lênine, e consequentemente o novo em Lênine, consiste no facto de, apoiando-se nas teses fundamentais de *O Capital*, ter feito uma análise marxista fundamentada do imperialismo, como a última fase do capitalismo, expondo as suas chagas e as condições do seu inevitável fim. Na base desta análise surgiu a conhecida tese de Lênine de que, nas condições do imperialismo, é possível a vitória do socialismo em países capitalistas separados.

Segundo, a questão da ditadura do proletariado.

A ideia fundamental da ditadura do proletariado, como o poder político do proletariado e método de derrubamento do poder do capital pela violência, foi formulada por Marx e Engels.

Nesta matéria, o novo em Lênine consiste em:

- a) ter descoberto o poder soviético como a melhor forma de ditadura do proletariado, utilizando a experiência da Comuna de Paris e da revolução russa;
- b) ter aberto um parêntesis na fórmula da ditadura do proletariado, sob o ponto de vista da questão dos aliados do proletariado, definindo a ditadura do proletariado como uma forma particular de aliança de classes entre proletariado, que constitui a classe dirigente, e as massas exploradas não proletárias (campesinato e outras), que são dirigidas;
- c) ter sublinhado com particular ênfase o facto de a ditadura do proletariado constituir o tipo superior de democracia na sociedade de classes, a forma da democracia *proletária* que exprime os interesses da maioria (explorados), em oposição à democracia capitalista que exprime os interesses da minoria (exploradores).

Terceiro, a questão das formas e métodos para a construção com êxito do socialismo no período da ditadura do proletariado, no período da passagem do capitalismo para o socialismo, num país sitiado por estados capitalistas.

Marx e Engels consideravam que o período da ditadura do proletariado seria mais ou menos prolongado, pleno de combates e guerras civis, durante o qual o proletariado no poder tomaria medidas de carácter económico, político, cultural e organizativo

necessárias para, no lugar da velha sociedade capitalista, criar a nova sociedade socialista, a sociedade sem classes, a sociedade sem Estado. Lênine baseou-se integralmente nestas teses fundamentais de Marx e Engels.

Nesta matéria, o novo em Lênine consiste em:

a) ter fundamentado a possibilidade da construção completa da sociedade socialista num país sob a ditadura do proletariado, cercado por estados imperialistas, sob condição de que este país não seja estrangulado pela intervenção militar dos imperialistas que o cercam;

b) ter apontado as linhas concretas da política económica («*Nova Política Económica*»), com a ajuda das quais o proletariado, detendo nas suas mãos as alavancas económicas (indústria, terra, transportes, banca, etc.) articula a indústria socialista com a agricultura («articulação da indústria com as explorações camponesas») e, deste modo, conduz toda a economia nacional para o socialismo;

c) ter apontado as vias concretas para a integração e envolvimento das massas camponesas no curso da construção socialista através da cooperação que, nas mãos da ditadura do proletariado, representa um poderoso meio de transformação da pequena exploração camponesa e de reeducação das massas do campesinato no espírito do socialismo.

Quarto, a questão da hegemonia do proletariado na revolução, em todas as revoluções populares, seja na revolução contra o tsarismo, seja na revolução contra o capitalismo.

Marx e Engels definiram os traços gerais da ideia da hegemonia do proletariado. Aqui, o novo em Lênine consiste no facto de ter desenvolvido e transformado estes traços gerais num sistema coerente sobre a hegemonia do proletariado, num sistema coerente sobre a direcção pelo proletariado das massas da cidade e do campo, não só para o derrubamento do capitalismo, mas também na edificação do socialismo, sob a ditadura do proletariado.

É sabido que, graças a Lênine e ao partido, a ideia da hegemonia do proletariado foi aplicada magistralmente na Rússia. Aliás, é isto que explica o facto de a revolução da Rússia ter conduzido o proletariado ao poder.

Nas revoluções anteriores era habitual os operários lutarem nas barricadas, derramarem o seu sangue e derrubarem a ordem antiga, mas o poder ia parar às mãos dos burgueses, que depois oprimiam e exploravam os operários. Assim sucedeu na Inglaterra e na França, assim sucedeu na Alemanha. Na Rússia as coisas passaram-se de outro modo. No nosso país o proletariado constituía não só a força de choque da revolução, como também procurou ser hegemónico, dirigente político de todas as massas exploradas na cidade e no campo, agrupando-as em seu torno, separando-as da burguesia, isolando a burguesia politicamente. Tornando-se líder das massas exploradas, o proletariado russo lutou para conquistar o poder e utilizá-lo nos seus próprios interesses, contra a burguesia, contra o capitalismo. É isto que explica que os poderosos surtos revolucionários na Rússia, quer em Outubro de 1905 quer em Fevereiro de 1917, tenham trazido à cena os sovietes de operários deputados, como embriões do novo aparelho do Estado, destinado a reprimir a burguesia – em oposição ao parlamento burguês, como antigo aparelho de Estado, destinado a reprimir o proletariado.

Por duas vezes a burguesia tentou restabelecer o parlamento burguês e pôr fim aos sovietes: em Setembro de 1917, durante a vigência do Pré-Parlamento, antes da tomada do poder pelos bolcheviques, e em Janeiro de 1918, durante a vigência da Assembleia Constituinte, depois da tomada do poder pelo proletariado. Por duas vezes foi derrotada.

Porquê? Porque a burguesia já estava isolada politicamente, massas de milhões de trabalhadores viam o proletariado como o único líder da revolução e já tinham testado e comprovado que os soviets eram o seu poder operário – substituí-los pelo parlamento burguês seria o suicídio do proletariado. Por isso não surpreende que o parlamentarismo burguês não tenha criado raízes no nosso país. Eis a razão pela qual a revolução conduziu o proletariado ao poder na Rússia.

Estes foram os resultados da aplicação do sistema de Lénine sobre a hegemonia do proletariado na revolução.

Quinto, a questão nacional e colonial.

Marx e Engels, analisando no seu tempo os acontecimentos na Irlanda, na Índia, na China, nos países da Europa Central, na Polónia e na Hungria, formularam as ideias básicas iniciais sobre a questão nacional e colonial. Nos seus trabalhos, Lénine baseou-se nestas ideias.

Nesta matéria, o novo em Lénine consiste em:

- a) ter reunido estas ideias num sistema de concepções sobre as revoluções nacionais e coloniais na época do imperialismo;
- b) ter ligado a questão nacional e colonial à questão do derrubamento do imperialismo;
- c) ter declarado a questão nacional e colonial como parte constitutiva da questão da revolução mundial proletária.

Finalmente, a questão do partido do proletariado.

Marx e Engels esboçaram os traços gerais do partido, como destacamento de vanguarda do proletariado, sem o qual o proletariado não pode alcançar a sua emancipação, seja em relação à tomada do poder, seja em relação à transformação da sociedade capitalista.

Nesta matéria, o novo em Lénine consiste em ter desenvolvido estes traços gerais, em conformidade com as novas condições da luta do proletariado no período do imperialismo, mostrando que:

- a) o partido é a forma superior de organização de classe do proletariado, em comparação com outras formas suas de organização (sindicatos, cooperativas, organização do Estado) cujo trabalho deve sintetizar e orientar;
- b) a ditadura do proletariado só poder ser concretizada através do partido, enquanto sua força orientadora;
- c) a ditadura do proletariado só pode ser completa se for dirigida por um único partido, o partido dos comunistas, que não partilha nem deve partilhar a direcção com outros partidos;
- d) Sem uma disciplina férrea no partido, não podem ser realizadas as tarefas da ditadura do proletariado na repressão dos exploradores e na transformação da sociedade de classes numa sociedade sem classes.

Eis no essencial o que de novo Lénine nos deu nos seus trabalhos, concretizando e desenvolvendo a doutrina de Marx e de Engels, em conformidade com as novas condições de luta do proletariado no período do imperialismo.

Por isso se diz no nosso país que o leninismo é o marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletárias.

Por aqui se vê que não se pode separar o leninismo do marxismo, nem muito menos opô-lo ao marxismo.

Na pergunta da delegação afirma-se mais à frente:

«Será correcto dizer que Lénine acreditava na “revolução criativa”, enquanto Marx se inclinava mais a esperar que o desenvolvimento das forças económicas atingisse o seu auge?»

Penso que seria totalmente incorrecto dizê-lo assim. Penso que qualquer revolução, caso seja efectivamente uma revolução popular, é criativa, uma vez que destrói a velha ordem e cria, constrói a nova.

É claro que não pode haver nada de criativo nessas «*revoluções*», se assim se podem chamar, que por vezes acontecem em certos países atrasados, sob a forma de «*insurreições*» manietadas de umas tribos contra outras. Mas tais «*insurreições*» não foram consideradas revoluções pelos marxistas. Naturalmente que não se trata aqui dessas «*insurreições*», mas da revolução popular de massas que subleva as classes oprimidas contra as classes opressoras. Uma tal revolução só pode ser criativa. Marx e Lénine defendiam precisamente essa revolução e só essa. No entanto é claro que tal revolução não pode ocorrer em quaisquer condições, ela só pode desencadear-se em determinadas condições favoráveis de ordem política e económica.

Pergunta II: *Pode-se dizer que o partido comunista controla o governo?*

Resposta: Tudo depende do que se entende por controlo. Nos países capitalistas existe um conceito particular de controlo. Sei que uma série de governos capitalistas são controlados pelos grandes bancos, apesar de existirem parlamentos «*democráticos*». Os parlamentos afirmam que são eles que controlam os governos, mas na prática verifica-se que a composição dos governos é pré-determinada e a sua acção controlada pelos grandes consórcios financeiros. Haverá alguém que não saiba que em nenhuma «*potência*» capitalista um governo pode ser formado contra a vontade dos grandes magnatas da finança? Basta fazer pressão financeira e os ministros caem atordoados. Isto representa o efectivo controlo dos bancos sobre os governos, não obstante o controlo mínimo que é exercido pelos parlamentos.

Se se trata deste tipo de controlo, devo dizer que o controlo do governo por oligarcas é inconcebível e está absolutamente excluído no nosso país, mais que não seja pelo facto de os nossos bancos terem sido nacionalizados há muito e os oligarcas abandonado a URSS.

Quiçá a delegação quisesse referir-se não ao controlo, mas às orientações que o partido dá ao governo? Se é isto que a delegação pergunta, respondo que sim. No nosso país o partido dirige o governo. E pode fazê-lo porque o partido goza da confiança da maioria dos operários e trabalhadores e é seu direito dirigir os órgãos do governo em nome da maioria.

Em que se traduz a direcção do governo por parte do partido operário da URSS, por parte do partido comunista da URSS?

Antes de mais no facto de o partido comunista procurar colocar nos principais cargos do Estado, através dos soviets e dos seus congressos, os seus candidatos, os seus melhores quadros, dedicados à causa do proletariado e dispostos a servir verdadeiramente e com convicção o proletariado. Na esmagadora maioria dos casos

consegue fazê-lo porque os operários e camponeses têm uma relação de confiança para com o partido. Não é uma casualidade o facto de os dirigentes dos órgãos de Estado serem comunistas e gozarem de um enorme prestígio no país.

Em segundo lugar, na circunstância de o partido supervisionar o trabalho dos órgãos de administração, dos órgãos de poder, rectificando erros e lacunas inevitáveis, ajudando-os a concretizar as decisões do governo e procurando assegurar-lhes o apoio das massas. No entanto, nenhuma decisão importante é tomada sem as correspondentes instruções do partido.

Em terceiro lugar, no facto de, durante a elaboração do plano de trabalho destes ou daqueles órgãos de poder, na indústria ou na agricultura, no comércio ou na esfera cultural, o partido definir as linhas gerais de orientação que determinam o carácter e direcção do trabalho destes órgãos durante a vigência destes planos.

A imprensa burguesa mostra-se com frequência «*surpreendida*» a respeito de tal «*ingerência*» do partido nos assuntos do Estado. Mas trata-se de uma «*surpresa*» totalmente falsa. É sabido que nos países capitalistas os partidos burgueses se «*ingerem*» precisamente do mesmo modo nos assuntos do Estado e dirigem os governos. Só que aí a direcção concentra-se num estreito círculo de figuras, ligadas de uma forma ou outra com os grandes bancos, e que, devido a isso, se esforçam por esconder o seu papel da população.

Haverá alguém que não saiba que, na Inglaterra ou noutros países capitalistas, cada partido burguês tem o seu gabinete secreto formado por um pequeno círculo de pessoas que concentram o poder de decisão? Basta recordar o conhecido discurso de Lloyd George sobre o «*gabinete-sombra*» do Partido Liberal. A diferença a este respeito entre o país dos soviets e os países capitalistas consiste no seguinte:

a) nos países capitalistas os partidos burgueses dirigem o Estado nos interesses da burguesia e contra o proletariado, enquanto na URSS o partido comunista dirige o Estado nos interesses do proletariado e contra a burguesia;

b) os partidos burgueses escondem do povo o seu papel dirigente, recorrendo a gabinetes secretos suspeitos, enquanto na URSS o partido comunista não precisa de quaisquer gabinetes secretos. Pelo contrário, condena a política e prática dos gabinetes secretos e declara abertamente a todo o país que assume a responsabilidade pela direcção do Estado.

Um dos delegados: *É nessa mesma base que o partido dirige os sindicatos?*

Stáline: No essencial, sim. Formalmente o partido não pode dar directivas aos sindicatos. Mas o partido dá directivas aos comunistas que trabalham nos sindicatos. É sabido que existem fracções comunistas nos sindicatos, bem como nos soviets, nas cooperativas, etc. O dever dessas fracções comunistas é conseguir, por via da persuasão, que as decisões dos órgãos dos sindicatos, dos soviets, das cooperativas, etc., correspondam às directivas do partido. Na esmagadora maioria dos casos isso é conseguido, uma vez que o partido tem uma enorme influência nas massas, onde goza de uma grande confiança. Desta forma consegue-se alcançar a unidade de acção nas mais diversas organizações do proletariado. Sem isso teríamos confusão e discrepâncias no trabalho destas organizações da classe operária.

Pergunta III: *Dado que na Rússia apenas existe um partido, como pode saber que as massas são a favor do comunismo?*

Resposta: É verdade que na URSS não há partidos burgueses legais, só há um partido legal, o partido dos operários, o partido dos comunistas. Teremos nós, todavia, formas e meios para nos convenceremos de que a maioria dos operários, a maioria das massas trabalhadoras apoia os comunistas? Falamos naturalmente das massas operárias e camponesas, e não da nova burguesia ou dos restos das velhas classes exploradoras, já destroçadas pelo proletariado. Sim temos essa possibilidade, temos formas e meios de saber se as massas operárias e camponesas apoiam ou não os comunistas.

Tomemos os momentos mais importantes da vida do nosso país e vejamos se há ou não fundamento para afirmar que as massas efectivamente apoiam os comunistas.

Tomemos, antes de mais, o período da revolução de Outubro de 1917, quando o partido dos comunistas, precisamente como partido, apelou abertamente aos operários e camponeses a derrubarem o poder da burguesia e teve o apoio da imensa maioria dos operários, soldados e camponeses.

Qual era a situação na altura? No poder estavam os socialistas-revolucionários e os sociais-democratas (mencheviques), que se tinham aliado à burguesia. O aparelho do Estado na capital e nas regiões, tal como o comando de um exército de 12 milhões de soldados estavam nas mãos desses partidos, nas mãos do governo. O partido dos comunistas encontrava-se em situação de semiclandestinidade. Os burgueses de todos os países já prediziam o colapso iminente do partido dos bolcheviques. A *Entente*² dava todo o seu apoio ao governo de Kérenski. Não obstante, o partido dos comunistas, o partido dos bolcheviques, não cessou de exortar o proletariado ao derrubamento desse governo e à instauração da ditadura do proletariado. O que aconteceu? A imensa maioria das massas trabalhadoras na retaguarda e na frente apoiou da forma mais determinada o partido dos bolcheviques, o governo de Kérenski foi derrubado e instaurado o poder do proletariado.

Como puderam os bolcheviques sair vencedores, apesar das profecias hostis dos burgueses de todos os países acerca do fracasso do partido dos bolcheviques? Esta circunstância não demonstra que as amplas massas dos trabalhadores apoiam o partido dos bolcheviques? Eu penso que demonstra.

Eis o primeiro teste ao prestígio e influência do partido dos comunistas no seio das amplas massas da população.

Tomemos o período seguinte, o período da intervenção estrangeira, da guerra civil, quando os capitalistas ingleses ocuparam o Norte da Rússia, as regiões de Arcângel e de Murmansk, quando os capitalistas norte-americanos, ingleses, japoneses e franceses ocuparam a Sibéria, lançando Koltchak para a ofensiva, quando os franceses e ingleses tentaram ocupar o Sul da Rússia, pondo de pé Deníkine e Wrangel.

Esta guerra foi conduzida pela *Entente* e os generais contra-revolucionários da Rússia contra o governo comunista de Moscovo, contra as conquistas da nossa revolução de Outubro. Este foi o período do maior teste às forças e solidez do partido dos comunistas no seio das amplas massas de operários e camponeses.

² **Entente** ou Tripla Entente é a designação da aliança militar constituída pela França, o Reino Unido e a Rússia imperial que se opôs na I Guerra Mundial à Tríplice Aliança constituída pelos impérios alemão e austro-húngaro e o reino da Itália. (N. Ed.)

E o que aconteceu? É bem conhecido que em resultado da guerra civil os ocupantes foram expulsos da Rússia e os generais contra-revolucionários derrotados pelo Exército Vermelho.

Aqui verificou-se que o desfecho das guerras é decidido, em última instância, não pela técnica, que foi fornecida em abundância a Koltchak e a Deníkine pelos inimigos da URSS, mas por uma política justa, pelo apoio e simpatia das massas de milhões da população.

Terá sido uma casualidade que o partido dos bolcheviques tenha sido o vencedor? Naturalmente que não foi uma casualidade. Esta circunstância não prova que o partido dos comunistas goza da simpatia das amplas massas de trabalhadores? Eu penso que prova.

Eis pois o segundo teste às forças e solidez do partido comunista da URSS.

Passemos ao período actual, do pós-guerra, quando na ordem do dia se colocaram as questões da construção pacífica. A economia em ruínas deu lugar a zonas de indústrias recuperadas, e depois à reconstrução de toda a nossa economia nacional com base na nova técnica. Teremos nós hoje formas e meios de testar as forças e solidez do partido dos comunistas, de determinar o grau de simpatia das amplas massas de trabalhadores neste partido? Eu penso que temos.

Tomemos, antes de mais, os sindicatos da União Soviética, que congregam cerca de dez milhões de proletários, e vejamos a composição dos seus órgãos dirigentes. Será uma casualidade que comunistas estejam à cabeça destes órgãos? Claro que não é. Seria uma tolice pensar que os operários da URSS são indiferentes à composição dos órgãos dos sindicatos. Os operários da URSS cresceram e educaram-se sob a borrasca de três revoluções. Aprenderam como ninguém a testar os seus dirigentes e a afastá-los quando não satisfazem os interesses do proletariado. Em dada altura, Plekhánov³ era a pessoa com mais popularidade no nosso partido. Porém, os operários não hesitaram em isolá-lo quando se convenceram de que Plekhánov havia abandonado a linha proletária. Se estes operários manifestam total confiança nos comunistas, promovendo-os para cargos de responsabilidade nos sindicatos, isto só pode constituir uma indicação directa de que a força e a solidez do partido comunista no seio dos operários da URSS são imensas.

Eis o teste que mostra que as amplas massas operárias têm uma simpatia inquestionável pelo partido dos bolcheviques.

Tomemos as últimas eleições para os soviets. Toda a população da URSS, a partir dos 18 anos de idade, tem direito a votar para os soviets, com excepção dos elementos burgueses, que exploram trabalho alheio, e aqueles que foram privados do direito de voto. Ao todo temos cerca de 60 milhões de eleitores. Naturalmente, os camponeses constituem a imensa maioria. Destes 60 milhões exerceram o direito de voto cerca de 51 por cento, ou seja, mais de 30 milhões. Vejam agora a composição dos órgãos dos nossos soviets no centro e nas regiões. Podemos considerar como uma casualidade o facto de a imensa maioria dos dirigentes eleitos serem comunistas? É claro que não é uma casualidade. Não atestará este facto que o partido comunista goza da confiança das massas de milhões do campesinato? Julgo que atesta.

³ **Plekhánov**, Gueórgui Valentínovitch (1856-1918), teórico e propagandista do marxismo, filósofo e destacado dirigente do movimento revolucionário russo. Foi um dos fundadores do Partido Operário Social-Democrata Russo e do jornal *Iskra*. Mais tarde junta-se aos mencheviques, adoptando uma posição social-chauvinista na I Guerra. Após a revolução de Fevereiro de 1917, combate os bolcheviques e opõe-se à revolução socialista. (*N. Ed.*)

Eis pois outro teste às forças e solidez do partido comunista.

Tomemos o *Komsomol* (a União da Juventudes Comunistas), que congrega cerca de dois milhões de jovens operários e camponeses. Poderá considerar-se uma casualidade o facto de a imensa maioria dos dirigentes eleitos serem comunistas? Julgo que não.

Eis pois mais um teste às forças e solidez do partido comunista.

Tomemos, por fim, as inúmeras conferências, colóquios, assembleias de delegados, etc., em que participam massas de milhões de trabalhadores, de homens e mulheres, operários e operárias, camponeses e camponesas das mais variadas nacionalidades que compõem a URSS. No Ocidente, por vezes, ironizam a propósito destas conferências e debates, afirmando que os russos, em geral, gostam de falar. No entanto, para nós estas conferências e debates têm uma enorme importância, tanto para aferir a disposição das massas como para detectar os nossos erros e para definir formas de os eliminar, uma vez que cometemos muitos erros e não os escondemos, considerando que a sua identificação e rectificação constitui o melhor método para melhorar a direcção do país. Vejam os discursos dos oradores nestas conferências e debates, vejam as observações concretas e sem rodeios destas «*pessoas simples*» dos meios operários e camponeses, vejam as suas resoluções e verão quão imensos são o prestígio e a influência do partido comunista, verão que esta influência e este prestígio poderiam ser invejados por qualquer partido no mundo.

Eis, pois, mais um teste à solidez do partido comunista.

São estes os meios e formas que permitem aferir a força e a influência do partido comunista nas massas populares.

Eis como sei que as amplas massas de operários e camponeses da URSS simpatizam com o partido comunista.

Pergunta IV: *Se um grupo fora do partido organizasse uma fracção e apresentasse os seus candidatos às eleições, com uma plataforma que apoiasse o governo soviético, mas ao mesmo tempo exigisse a abolição do monopólio do comércio externo, será que poderia ter meios e realizar uma campanha política activa?*

Resposta: Penso que nessa pergunta existem contradições irreconciliáveis. É impossível imaginar um grupo que tivesse uma plataforma de apoio ao governo soviético e ao mesmo tempo exigisse a abolição do monopólio do comércio externo. Porque? Porque o monopólio do comércio externo é um dos pilares inabaláveis da plataforma do governo soviético. Porque um grupo que exigisse a abolição do monopólio do comércio externo não podia ter uma posição de apoio ao governo soviético. Porque um tal grupo só poderia ser profundamente hostil a todo o regime soviético.

Na URSS existem evidentemente elementos que exigem a abolição do monopólio sobre do comércio externo. São *nepmans*,⁴ kulaques, restos das classes exploradoras já destroçadas, etc. Mas estes elementos constituem uma minoria insignificante da população. Penso que a delegação, na sua pergunta, não refere a estes elementos. Caso se refira aos operários e massas trabalhadores do campesinato, então devo dizer que a exigência da abolição do monopólio do comércio externo apenas lhes poderia provocar riso e rejeição.

⁴ *Nepman*, empresário privado do período da *NEP*.

Na realidade, o que poderia representar para os operários a eliminação do monopólio do comércio externo? Significaria para eles a recusa da industrialização do país, da construção e da ampliação de novas fábricas e empresas industriais. Significaria a inundação da URSS com mercadorias dos países capitalistas, o colapso da nossa indústria devido à sua relativa debilidade, a multiplicação do número de desempregados, a deterioração da situação material da classe operária, o enfraquecimento das suas posições políticas e económicas. Significaria, em última instância, o reforço dos *nepmans* e da nova burguesia em geral. Poderia o proletariado da URSS cometer este suicídio? Obviamente que não.

E que significaria para as massas trabalhadoras do campesinato a eliminação do monopólio do comércio externo? Significaria o seu empobrecimento já que o nosso país perderia a sua autonomia e se transformaria numa semicolónia. Significaria o regresso ao regime do «*comércio livre*», que prevaleceu com Koltchak e Deníkine, quando os generais contra-revolucionários associados aos «*aliados*» roubavam e espoliavam à vontade milhões de camponeses. Significaria, em última instância, o fortalecimento dos kulaques e outros elementos exploradores no campo. Os camponeses conheceram suficientemente os encantos desse regime na Ucrânia e no Cáucaso do Norte, no Volga e na Sibéria. Com que fundamento se pode supor que eles desejam cair novamente nessa armadilha? Será que não é claro que as massas trabalhadoras do campesinato não podem ser a favor da eliminação do monopólio do comércio externo?

Um dos delegados: *A delegação levantou a questão relativa ao monopólio do comércio externo e à sua abolição como uma questão em torno da qual um grupo da população se poderia organizar caso não existisse na URSS o monopólio da legalidade de um só partido.*

Stáline: A delegação volta dessa forma à questão do monopólio do partido comunista como único partido legal na URSS. Já respondi sucintamente a essa pergunta quando falei das formas e meios de aferir a simpatia das massas de milhões de operários e camponeses pelo partido comunista.

No que respeita a outras camadas da população, kulaques, *nepmans*, restos das velhas classes exploradoras destroçadas, elas estão privadas não só do direito de constituir a sua organização política, como também dos direitos eleitorais. O proletariado tirou à burguesia não só as fábricas e empresas industriais, bancos e caminhos-de-ferro, a terra e as minas. Privou-a também do direito de se organizar politicamente porque o proletariado não deseja a restauração do poder da burguesia. Julgo que a delegação não terá objecções à expropriação da burguesia e da aristocracia das fábricas e empresas industriais, da terra e dos caminhos-de-ferro, dos bancos e minas. (*Risos*).

Mas, ao que me parece, está um pouco perplexa com o facto de o proletariado não se limitar a isso, e ter ido mais longe, privando a burguesia dos seus direitos políticos. Isso, na minha opinião, não é muito lógico ou, melhor, é completamente ilógico. Com que fundamento se exige que o proletariado seja magnânimo para com a burguesia? Será que a burguesia que se encontra no poder no Ocidente se mostra minimamente magnânima para com a classe operária? Será que não obriga à clandestinidade os genuínos partidos revolucionários da classe operária? Com que fundamento se exige que o proletariado seja magnânimo para com o seu inimigo de classe? Julgo que é preciso ter lógica. Aquele que admite a possibilidade de devolver os direitos políticos à burguesia, para ser lógico, deve

ir mais longe e colocar também a questão da devolução das fábricas e empresas, dos caminhos-de-ferro e dos bancos.

Um dos delegados: *O objectivo da delegação era saber de que modo as opiniões da classe operária e do campesinato, que diferem das opiniões do Partido Comunista, podem ser expressas legalmente. Seria incorrecto interpretar que a delegação revela interesse pela questão da garantia dos direitos políticos à burguesia ou de que forma a burguesia poderia expressar legalmente as suas opiniões. A questão é de que forma as opiniões da classe operária e do campesinato, distintas das opiniões do partido comunista, se expressam legalmente?*

Outro delegado: *Essas opiniões diferentes podem ser expressas nas organizações de massas da classe operária, nos sindicatos, etc.*

Stáline: Muito bem. Portanto a questão não é sobre a restauração dos direitos políticos da burguesia, mas sobre o confronto de opiniões no seio da classe operária e do campesinato.

Haverá na União Soviética, no presente momento, confronto de opiniões no seio dos operários e massas trabalhadoras do campesinato? Sem dúvida que há. É impossível que milhões de operários e camponeses pensem o mesmo sobre todas as questões práticas e todos os seus pormenores. Na vida real isso não existe. Em primeiro lugar, há uma grande diferença entre os operários e os camponeses, tanto no que respeita à sua situação económica como no que se refere aos seus pontos de vista sobre diversos assuntos. Em segundo lugar, existem determinadas diferenças de pontos de vista na própria classe operária, assim como diferenças de educação, etárias, de temperamento, diferenças entre operários nascidos nas cidades e os que vieram do campo, etc. Tudo isto conduz a um confronto de opiniões no seio dos operários e das massas trabalhadoras do campesinato que tem a sua expressão legal nas assembleias, nos sindicatos, nas cooperativas, durante as eleições para os soviets, etc.

Mas entre o confronto de opiniões hoje, nas condições da ditadura do proletariado, e o confronto de opiniões no passado, antes da Revolução de Outubro, existe uma diferença radical. No passado, o confronto de opiniões no seio dos operários e camponeses laboriosos concentrava-se principalmente nas questões ligadas ao derrubamento dos aristocratas, do tsarismo, da burguesia, da destruição da ordem burguesa. Hoje, nas condições da ditadura do proletariado, o confronto de opiniões não é em torno do derrubamento do poder soviético, da destruição da ordem soviética, mas em torno das questões sobre o melhoramento dos órgãos de poder soviético e do seu trabalho. Aqui há uma diferença radical.

Não há nada de surpreendente no facto de o confronto de opiniões a propósito da destruição revolucionária da ordem existente ter dado origem no passado ao surgimento de vários partidos que concorriam entre si no seio da classe operária e das massas trabalhadoras do campesinato. Havia o partido dos bolcheviques, o partido dos mencheviques, o partido dos socialistas-revolucionários. Por outro lado, é muito fácil compreender que o confronto de opiniões hoje, na ditadura do proletariado, que tem como objectivo não a destruição da ordem soviética existente, mas o seu melhoramento e simplificação, não pode alimentar a existência de vários partidos entre os operários e massas trabalhadoras do campo.

Eis a razão pela qual na URSS só há um partido legal, o partido comunista. O seu monopólio não suscita objecções por parte dos operários e camponeses laboriosos mas, pelo contrário, é entendido como algo necessário e desejável.

A situação do nosso partido como o único partido legal no país (o monopólio do partido) não é algo artificial ou expressamente inventado. Tal situação não pode ser criada artificialmente, por via das de maquinações administrativas, etc. O monopólio do nosso partido despontou da vida, formou-se historicamente, em resultado da falência dos partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques, que saíram de cena nas condições da nossa realidade.

O que eram os partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques no passado? Eram portadores da influência burguesa no seio do proletariado. O que cultivava e sustentava a existência destes partidos até Outubro de 1917? A existência da classe burguesa e do poder burguês. Será que não é uma evidência que com o derrubamento da burguesia, também as bases da existência destes partidos deveriam desaparecer?

E em que se tornaram estes partidos após Outubro de 1917? Tornaram-se partidos que lutavam pela restauração do capitalismo e pelo derrubamento do poder do proletariado. Será que não é claro que estes partidos estavam votados a perder todo o seu campo de acção e toda a influência entre os operários e as camadas laboriosas do campesinato?

A luta entre o partido comunista e o partido dos socialistas-revolucionários pela influência na classe operária não começou ontem. O seu início remonta à época em que se entreviam os primeiros sinais do movimento revolucionário de massas na Rússia, ainda antes de 1905. O período entre 1903 e Outubro de 1917 ficou marcado por uma encarniçada luta de opiniões na classe operária do nosso país. Foi um período de luta entre os bolcheviques, mencheviques e socialistas-revolucionários pela influência na classe operária. Nesse período a classe operária passou por três revoluções. No ardor destas revoluções ela pôs à prova e testou estes partidos, a sua aptidão para a causa da revolução proletária, o seu carácter proletário revolucionário. E eis que, em Outubro de 1917, quando a história fez o balanço de toda a luta revolucionária do passado – quando pesou na sua balança o peso relativo dos partidos que lutavam no seio da classe operária – a classe operária da URSS fez finalmente a sua escolha definitiva, optando pelo partido comunista como o único partido proletário.

Como se explica o facto de a escolha da classe operária tenha incidido no partido comunista? Não é um facto que em Abril de 1917 os bolcheviques representavam uma minoria insignificante no Soviete de Petrogrado? Não é um facto que os socialistas-revolucionários e os mencheviques tinham na altura uma imensa maioria nos sovietes? Não é um facto que nos dias de Outubro todo o aparelho do Estado e todos os meios de repressão estavam nas mãos dos partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques, aliados à burguesia?

Explica-se pelo facto de o partido comunista ser a favor do fim da guerra e de uma paz democrática imediata, enquanto os partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques defendiam «a guerra até à vitória final», a continuação da guerra imperialista.

Explica-se pelo facto de partido comunista defender o derrubamento do Governo de Kérenski, o derrubamento da burguesia, a nacionalização das fábricas e empresas, dos bancos e dos caminhos-de-ferro, enquanto os partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques defendiam o Governo de Kérenski e o direito da burguesia a possuir as fábricas e empresas, os bancos e os caminhos-de-ferro.

Explica-se pelo facto de partido comunista defender a confiscação imediata das terras dos latifundiários a favor dos camponeses, enquanto os partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques remetiam esta questão para a Assembleia Constituinte, cuja convocação, por sua vez, adiavam para data indeterminada.

Será surpreendente que os operários e camponeses pobres tenham finalmente escolhido a favor do partido comunista?

Será surpreendente que os partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques se tenham afundado tão rapidamente?

Eis as origens do monopólio do partido comunista e eis por que razão o partido comunista chegou ao poder.

O período que se seguiu a Outubro de 1917, período da guerra civil, levou ao naufrágio final dos partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques e ao triunfo definitivo do partido dos bolcheviques. Foram os próprios mencheviques e os socialistas-revolucionários que neste período facilitaram o triunfo do partido comunista. Destroçados e lançados para o fundo durante a Revolução de Outubro, os restos dos partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques começaram a ligar-se às revoltas contra-revolucionárias dos kulaques, aliaram-se aos partidários de Koltchak e de Deníkine, colocaram-se ao serviço da *Entente*, e cavaram a sua própria cova aos olhos dos operários e dos camponeses. Na situação criada os socialistas-revolucionários e os mencheviques, de revolucionários burgueses, transformaram-se em burgueses contra-revolucionários, ajudavam a *Entente* a asfixiar a nova Rússia Soviética, enquanto o partido dos bolcheviques, unindo em torno de si todas as forças revolucionárias, mobilizava cada vez mais destacamentos de operários e camponeses para a luta pela pátria socialista, para a luta contra a *Entente*.

Muito naturalmente a vitória dos comunistas neste período tinha de conduzir, e conduziu realmente, à derrota total dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques. Será surpreendente que depois de tudo isto o partido comunista se tenha tornado o único partido da classe operária e dos camponeses pobres?

Eis como se formou no nosso país o monopólio do partido comunista, como único partido legal.

Falais da luta de opiniões entre os operários e camponeses, hoje, nas condições da ditadura do proletariado. Já referi que a luta de opiniões existe e existirá, e sem ela não é possível continuarmos a avançar. Mas essa luta nas condições actuais não incide sobre a questão de princípio do derrubamento da ordem soviética, mas sim sobre questões práticas do melhoramento dos soviets, da rectificação de erros dos órgãos soviéticos, portanto, sobre o reforço do poder soviético. É fácil compreender que tal luta de opiniões apenas pode fortalecer e aperfeiçoar o partido comunista. É fácil compreender que tal luta de opiniões apenas pode fortalecer o monopólio do partido comunista. É fácil compreender que tal luta de opiniões não pode ser terreno fértil para a formação de outros partidos no seio da classe operária e do campesinato laboriosos.

Pergunta V: *Poderá elucidar-nos resumidamente sobre as principais divergências entre vós e Trótski?*

Resposta: Antes de mais devo dizer que as divergências com Trótski não são divergências pessoais. Se essas divergências fossem de carácter pessoal, o partido não

lhes dedicaria nem sequer uma hora, uma vez que não gosta de promover figuras isoladas.

Certamente que se referem às divergências no partido. Assim compreendi esta pergunta. É verdade que existem divergências no partido. A natureza dessas divergências está detalhadamente explicada nos recentes relatórios de Ríkov,⁵ em Moscovo, e de Bukhárine,⁶ em Leningrado. Estes relatórios estão publicados. Não tenho nada acrescentar ao que está dito nesses relatórios sobre as divergências. Caso não os tenham, poderei facultar-vos esses documentos.

(A delegação informa que dispõe desses documentos)

Um dos delegados: *Quando regressarmos vão fazer-nos perguntas sobre essas divergências. Mas não temos todos os documentos. Por exemplo não temos a «Plataforma dos 83».*

Stáline: Não subscrevi essa «plataforma». Não tenho o direito de ficar com documentos de outras pessoas. *(Risos)*

Pergunta VI: *Nos países capitalistas o principal incentivo para o desenvolvimento da produção assenta no anseio de obtenção de lucro. Este incentivo está decerto relativamente ausente na URSS. O que é que o substitui e em que medida, na sua opinião, a sua substituição é eficaz? Pode ser mantida indefinidamente?*

Resposta: É certo que o principal motor da economia capitalista constitui a obtenção de lucro. É igualmente verdade que a obtenção de lucro não constitui nem o fim nem o motor da nossa indústria socialista. Qual é, pois, nesse caso, o motor da nossa indústria?

Primeiro que tudo, é o facto de no nosso país as fábricas e empresas pertencerem a todo o povo, e não aos capitalistas, e de serem administradas não por pessoas escolhidas pelos capitalistas, mas por representantes da classe operária. A consciência de que os operários trabalham não para o capitalista, mas para o seu próprio Estado, para a sua própria classe – esta consciência constitui uma imensa força motriz para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da nossa indústria.

Cabe assinalar que no nosso país a imensa maioria dos directores de fábricas e empresas é constituída por operários, nomeados pelo Conselho Superior da Economia nacional, com o acordo dos sindicatos, sendo que nenhum director pode permanecer no seu posto contra a vontade dos operários ou dos respectivos sindicatos.

⁵ **Ríkov**, Aleksei Ivánovitch (1881-1938), membro do partido desde 1899, do CC (1905-07, 1917-18, 1920-34 e candidato 1907-12 e 1934-37), do *Politburo* (1922-30). Foi presidente do Conselho de Comissários do Povo da URSS (1924-1930). Expulso do partido e preso em 1937, é julgado no processo do «*Bloco Trotskista de Direita*», e condenado a fuzilamento em 13 de Março de 1938. *(N. Ed.)*

⁶ **Bukhárine**, Nikolai Ivánovitch (1888-1938), membro do partido desde 1906, do CC (1917-34), candidato (1934-37), do *Politburo* (1924-29), candidato desde 1919. Economista e publicista, liderou os «*comunistas de esquerda*» após a Revolução de Outubro, opondo-se ao Tratado de Paz de Brest-Litovsk. Protagoniza a partir de 1929 a corrente de direita que se opõe à colectivização e à industrialização acelerada. Expulso do partido em 1937, é detido nesse ano, sendo julgado e condenado a fuzilamento em 1938, no âmbito do processo do «*Bloco Trotskista de Direita*», que se propunha restabelecer as relações de produção capitalistas na Rússia. *(N. Ed.)*

Cabe assinalar seguidamente que em cada empresa ou fábrica existe um comité eleito pelos operários que controla a actividade da administração da empresa.

Cabe assinalar por fim que em cada empresa industrial existe um conselho de operários, integrado por operários da respectiva empresa, onde os operários supervisionam todo o trabalho do director da empresa, discutem os planos de trabalho da administração fabril, identificam erros e insuficiências e têm a possibilidade de rectificar essas deficiências através dos sindicatos, do partido e dos órgãos de poder soviético.

Não é difícil compreender que todas estas circunstâncias alteram de forma radical a situação dos operários, bem como as regras de funcionamento das empresas. Se no capitalismo o operário considera a fábrica como propriedade alheia, ou mesmo como uma prisão, no regime soviético o operário vê a fábrica, já não como uma prisão, mas como uma coisa que lhe é próxima e familiar, em cujo desenvolvimento sente um interesse vital.

Não será necessário demonstrar que esta nova relação dos operários com a fábrica, com a empresa, este sentimento de proximidade dos operários com a empresa, constitui um poderoso motor de toda a nossa indústria.

É esta circunstância que explica o facto de o número de operários inventores no domínio da técnica de produção e de organizadores da produção crescer de dia para dia.

Em segundo lugar, no nosso país, as receitas da indústria não revertem a favor do enriquecimento de alguns indivíduos, mas são empregues no alargamento contínuo da indústria, na melhoria da situação material e cultural da classe operária, no embaratecimento dos artigos industriais necessários tanto aos operários como aos camponeses, ou seja, uma vez mais, na melhoria da situação material das massas trabalhadoras.

O capitalista não pode destinar os seus rendimentos à elevação do bem-estar da classe operária. Ele vive para o lucro, de outro modo não seria capitalista. Ele obtém lucros com vista a acumular capitais suplementares e exportá-los para países menos desenvolvidos com o fito de obter novos lucros ainda maiores. É assim que fluem capitais da América do Norte para a China, para a Indonésia, a África do Sul e a Europa; da França para as colónias francesas; da Inglaterra para as colónias inglesas.

As coisas colocam-se de modo diferente no nosso país, uma vez que não temos nem admitimos uma política colonial. No nosso país, os rendimentos da indústria permanecem no país e são empregues no alargamento contínuo da indústria, na melhoria da situação dos operários, no aumento da dimensão do mercado interno, incluindo o mercado do campesinato, através do embaratecimento dos artigos industriais. Cerca de dez por cento dos lucros da indústria são destinados à melhoria das condições de vida da classe operária. E um montante equivalente a 13 por cento da massa salarial dos operários é colocado num fundo de segurança social da classe operária a expensas do Estado. Uma determinada parte dos rendimentos (não posso agora quantificar com precisão) é destinada às necessidades culturais, à formação nas empresas e fábricas e às férias dos operários. Uma parte bastante significativa destes rendimentos (mais uma vez não posso quantificar com precisão) é destinada ao aumento das remunerações monetárias dos operários. A parte restante é utilizada no alargamento da indústria, na reabilitação de velhas fábricas, na construção de novas unidades e finalmente na redução dos preços dos artigos industriais.

A enorme importância destas circunstâncias para toda a nossa indústria consiste no seguinte:

a) facilitam a aproximação entre a agricultura e a indústria e atenuam os contrastes entre a cidade e o campo;

b) permitem o aumento da capacidade do mercado interno, urbano e rural, criando ao mesmo tempo uma base em constante crescimento para o desenvolvimento contínuo da indústria.

Em terceiro lugar, a nacionalização da indústria facilita a gestão planificada da nossa indústria e da agricultura no seu conjunto.

Constituirão estes estímulos e motores da nossa indústria factores permanentes? Poderão manter-se factores activos em permanência? Sim, sem dúvida que constituem estímulos e motores permanentemente activos. E quanto mais se desenvolver a nossa indústria, mais aumentará a força e a importância destes factores.

Pergunta VII: *Em que medida a URSS pode cooperar com a indústria capitalista de outros países? Existe um determinado limite para essa cooperação ou trata-se simplesmente de experimentar e descobrir os campos em que tal cooperação é ou não possível?*

Resposta: Aparentemente referem-se aos acordos temporários com os estados capitalistas nas áreas da indústria, comércio e, talvez, no domínio das relações diplomáticas.

Penso que a existência de dois sistemas opostos – o sistema capitalista e o sistema socialista – não exclui a possibilidade de tais acordos. Penso que tais acordos são possíveis e pertinentes numa situação de desenvolvimento pacífico.

As exportações e importações são o campo mais apropriado para esses acordos. Nós precisamos de equipamentos, matérias-primas (por exemplo algodão), semiacabados (metais, etc.), e os capitalistas precisam de mercados de escoamento para esses produtos. Há aqui um campo para acordos. Os capitalistas precisam de petróleo, madeira, trigo, e nós precisamos de escoar essas mercadorias. Há aqui um campo para acordos. Nós precisamos de créditos, os capitalistas em contrapartida precisam de bons juros. Eis pois outro campo para acordos, agora na esfera do crédito, tanto mais que é sabido que os órgãos soviéticos cumprem pontualmente as suas obrigações.

O mesmo se pode dizer relativamente à esfera diplomática. Nós temos uma política de paz e estamos prontos para assinar pactos de não-agressão mútua com os Estados burgueses. Temos uma política de paz e estamos prontos a concluir acordos de desarmamento, incluindo a eliminação total dos exércitos permanentes, como já declaramos ao mundo na Conferência de Génova. Eis pois um campo para acordos na esfera diplomática.

Existirão limites a estes acordos? Os limites estão na oposição dos dois sistemas, entre os quais há uma competição, uma luta. Dentro dos limites admissíveis por estes dois sistemas, e apenas dentro desses limites, os acordos são inteiramente possíveis. Prova disso é a experiência dos acordos com a Alemanha, a Itália, o Japão, etc.

Serão estes acordos meras experiências ou poderão ter um carácter mais ou menos prolongado? Isto depende não só de nós, mas também depende dos nossos co-signatários. Depende da situação geral. A guerra pode anular todos e quaisquer acordos. Depende também das condições dos acordos. Nós não podemos aceitar condições leoninas. Temos um acordo com Harriman que explora minas de manganês na Geórgia.

É um acordo por 20 anos.⁷ Como vêem não é um período curto. Temos também um acordo com a *Lena Goldfields Company* que está a extrair ouro na Sibéria. Este acordo tem uma vigência de 30 anos, um prazo ainda maior. Existem ainda acordos com o Japão para a exploração de petróleo e carvão na ilha de Sakhaline.

Gostaríamos que estes acordos tivessem um carácter mais ou menos sólido. Mas isso, naturalmente, não depende só de nós, mas também dos nossos parceiros.

Pergunta VIII: *Em que consistem as principais diferenças entre a política das minorias nacionais da Rússia e a dos Estados capitalistas?*

Resposta: Certamente que se referem àquelas nacionalidades da URSS que antes eram oprimidas pelo tsarismo e pelas classes exploradoras russas e que não tinham a sua soberania.

A diferença principal consiste no facto de que, enquanto nos Estados capitalistas existe opressão e sujeição das nacionalidades, na URSS, tanto uma como a outra foram eliminadas pela raiz. Nos Estados capitalistas, a par das nações de primeira categoria, das nações privilegiadas, das nações «soberanas», existem nações de segunda categoria, nações «não-soberanas», nações sem plenitude de direitos, privadas antes de mais do direito de soberania. Na URSS, pelo contrário, foram eliminados todos os traços da desigualdade e opressão das nacionalidades. No nosso país todas as nações são soberanas com direitos iguais, uma vez que os privilégios nas nações grã-russas, antes dominantes, foram abolidos. Não se trata, naturalmente, de declarações sobre a igualdade das nacionalidades. Todos os partidos sociais-democratas têm muitas declarações sobre a igualdade das nacionalidades. Mas o que valem estas declarações se não se aplicam na realidade? Do que se trata é de eliminar as classes que são representantes, criadoras e portadoras da opressão nacional. No nosso país essas classes eram os latifundiários e os capitalistas. Nós derrubámos essas classes e ao mesmo tempo eliminámos a possibilidade de opressão nacional. E foi precisamente porque derrubámos essas classes que se tornou possível uma verdadeira igualdade entre as nacionalidades.

A isto chamamos a concretização da ideia de autodeterminação das nações, que inclui o direito à sua própria separação. Precisamente porque concretizámos a autodeterminação das nações, conseguimos erradicar a desconfiança mútua das massas trabalhadoras das diferentes nações da URSS e uni-las voluntariamente num Estado confederado.

Não será necessário demonstrar que esta política em relação à questão nacional é inconcebível nos países capitalistas, dado que os capitalistas que continuam no poder são os criadores e portadores da política de opressão nacional.

Não se pode deixar de referir, por exemplo, o facto de o órgão supremo de poder na URSS, o Comité Executivo Central dos Sovietes, ser dirigido não obrigatoriamente por um russo, mas ter seis presidentes cada um representando uma das repúblicas que constituem a URSS, nomeadamente, um russo (Kálinine), um ucraniano (Petrovski), um bielorrusso (Tcherbiákov), um azerbaijano (Mussabekov), um turcomano (Aitakov) e um uzbeque (Faizulla Khodjaev). Este facto é uma das mais claras expressões da nossa política de nacionalidades. Nem é preciso dizer que nenhuma república burguesa, por

⁷ Na verdade esta concessão, celebrada em 1925 para o período até 1945, foi denunciada pelo próprio W. Averell Harriman, logo em 1928, alegando falta de rentabilidade. (*N. Ed.*)

muito democrática que seja, seria capaz de dar este passo. No entanto, para nós, este é um passo natural que decorre da nossa política de igualdade das nacionalidades.

Pergunta IX: *Os dirigentes operários norte-americanos justificam a sua luta contra os comunistas com dois argumentos:*

1) os comunistas destroem o movimento operário com a sua luta fraccionária e os seus ataques contra os responsáveis moderados dos sindicatos;

2) os comunistas norte-americanos recebem instruções de Moscovo e por isso não podem ser bons dirigentes sindicais, dado que a sua lealdade a organizações estrangeiras é superior à lealdade para com o seu próprio sindicato.

Em que medida esta dificuldade poderia ser eliminada, de modo a que os comunistas norte-americanos pudessem trabalhar conjuntamente com outras secções do movimento operário norte-americano?

Resposta: Penso que as tentativas dos líderes operários norte-americanos de justificar a sua luta contra os comunistas não resistem à crítica. Ninguém demonstrou nem demonstrará que os comunistas destroem o movimento operário. Pelo contrário. Está inteiramente demonstrado que os comunistas são os combatentes mais dedicados e corajosos do movimento operário em todo o mundo, nomeadamente nos EUA.

Não é um facto que durante as greves e manifestações os operários comunistas estão na linha da frente da classe operária, recebendo os primeiros golpes dos capitalistas, enquanto os líderes operários reformistas se escondem nos pátios traseiros com os capitalistas? Como podem os comunistas deixar de criticar a cobardia e o reaccionarismo dos líderes operários reformistas? Não é claro que tal crítica apenas pode reanimar e fortalecer o movimento operário?

É verdade que essa crítica destrói a autoridade dos líderes operários reaccionários. Mas qual é o problema? Os líderes operários reaccionários só têm de responder a essa crítica, em vez de expulsarem os comunistas dos sindicatos. Penso que o movimento operário nos EUA, caso queira persistir e desenvolver-se, não pode evitar uma luta de opiniões e de tendências no seio dos sindicatos. Penso que essa luta de opiniões e tendências no seio dos sindicatos, a crítica aos líderes reaccionários etc., irá intensificar-se cada vez mais, por muito que os líderes reformistas se lhe oponham. Essa luta de opiniões e essa crítica são absolutamente necessárias para que a classe operária dos EUA possa escolher entre as diferentes tendências e afirmar-se, por fim, como uma força organizada autónoma no seio da sociedade norte-americana.

As queixas dos líderes reformistas contra os comunistas apenas mostram que não estão seguros de ter razão, e sentem que a sua posição é frágil. Precisamente por isso temem a crítica como a peste. É digno de nota o facto de os líderes operários norte-americanos se revelarem adversários ainda mais decididos da mais elementar democracia do que muitos burgueses dos EUA.

É completamente falso que os comunistas norte-americanos trabalham sob «*instruções de Moscovo*». Não encontrarão no mundo comunistas que aceitassem agir «*sob instruções*» de fora, contra as suas convicções, contra a sua vontade, ao arrepio das exigências da situação. Comunistas desses, mesmo que existissem em qualquer parte, vão valerem um chavo.

Os comunistas são as pessoas mais corajosas e valentes, pois conduzem uma luta contra um mar de inimigos. O mérito dos comunistas, aliás, consiste precisamente no

facto de ser capazes de defender as suas convicções. Por isso é estranho ouvir dizer que os comunistas norte-americanos não têm as suas convicções e só são capazes de agir sob «*instruções*» vindas de fora.

A única afirmação verdadeira dos líderes operários é o facto de os comunistas integrarem a organização internacional de comunistas e se reunirem, espaçadamente, com o centro dessa organização para tratar de determinados assuntos. Mas o que é que isso tem de mal? Será que os líderes operários são contra a organização de um centro operário internacional? É certo que não fazem parte de Amesterdão.⁸ Mas não a integram, não porque são contra a existência de um centro operário internacional, mas porque consideram Amesterdão uma organização demasiado à esquerda. (*Risos*)

Por que razão os capitalistas podem organizar-se à escala internacional e a classe operária ou parte da classe operária não deve ter a sua organização internacional?

Não é claro que Green⁹ e os seus amigos da Federação Americana do Trabalho caluniam os comunistas norte-americanos, repetindo servilmente as lendas dos capitalistas sobre as «*instruções de Moscovo*»?

Há pessoas que pensam que os membros da Internacional Comunista em Moscovo passam o tempo sentados a escrever directivas para todos os países. Ora, como o *Komintern* tem mais 60 países, imagine-se os seus membros a escrever directivas dia e noite, sem dormir nem comer. (*Risos*) É com esta lenda ridícula que os líderes operários norte-americanos tentam disfarçar o seu medo dos comunistas e obscurecer o facto de os comunistas serem os quadros mais corajosos e dedicados da classe operária dos EUA!

A delegação pergunta sobre como sair de tal situação. Penso que só há uma saída: permitir a luta de opiniões e de tendências no seio dos sindicatos dos EUA, repudiar a política reaccionária de afastamento dos comunistas dos sindicatos e dar a possibilidade à classe operária dos EUA de escolher livremente entre estas tendências, uma vez que os EUA ainda não tiveram a sua revolução de Outubro, e lá os operários ainda não puderam fazer uma escolha definitiva entre as diversas tendências existentes nos sindicatos.

Pergunta X: *É enviado dinheiro para ajudar o Partido Comunista dos EUA ou o jornal comunista Daily Worker? Se não, qual é a contribuição que os comunistas americanos dão para a III Internacional como quotizações anuais?*

Resposta: Se me perguntam sobre as relações entre o partido comunista dos EUA e a III Internacional, devo dizer que o partido comunista dos EUA, como membro da Internacional Comunista, está obrigado a pagar as quotizações de membro, tal como é suposto que o *Komintern*, como centro do movimento comunista internacional, preste a assistência adequada ao partido comunista dos EUA, sempre que considere necessário. Não há aqui nada de surpreendente ou anormal.

Se me perguntam sobre as relações mútuas entre o partido comunista dos EUA e o partido comunista da URSS, então devo declarar que não tenho conhecimento de nenhuma situação em que os representantes do partido comunista dos EUA tenham

⁸ Trata-se da Associação Internacional dos Sindicatos Reformistas, fundada em 1919, no congresso em Amesterdão (Holanda). A Associação cessou praticamente a sua actividade durante a II Guerra Mundial e dissolveu-se oficialmente em 14 de Dezembro de 1945, na sequência da criação da Federação Mundial de Sindicatos. (*Nota da edição soviética*)

⁹**Green**, William (1873-1952), dirigente sindical norte-americano, foi presidente da Federação Americana do Trabalho entre 1924 e 1952. (*N. Ed.*)

solicitado ajuda ao partido comunista da URSS. Podem considerar isto estranho, mas é um facto, que testemunha a extrema escrupulosidade dos comunistas norte-americanos.

Mas se o partido comunista dos EUA solicitasse ajuda ao partido comunista da URSS, eu penso que o nosso partido prestaria a ajuda necessária. Com efeito, que valeria um partido comunista que está no poder se recusasse a ajuda necessária a um partido comunista de outro país sob o jugo do capitalismo? Diria que tal partido comunista não valeria um chavo.

Suponhamos que a classe operária chegava ao poder, derrubando a burguesia; suponhamos que a classe operária dos EUA, tendo saído vitoriosa no grande combate contra o capitalismo, era solicitada pela classe operária de outro país a prestar-lhe ajuda material. Poderia a classe operária norte-americana recusar essa ajuda? Penso que seria uma ignomínia caso hesitasse em prestar essa ajuda.

Pergunta XI: *Sabemos que determinados bons comunistas não estão totalmente de acordo com a exigência do partido comunista de que todos os novos membros sejam ateístas, uma vez que no momento presente o clero reaccionário já foi derrotado. Poderá o partido comunista no futuro ser neutral em relação à religião, se esta apoiar a ciência e não se opuser ao comunismo? Poderão no futuro autorizar os membros do partido a ter convicções religiosas, desde que estas não colidam com a lealdade ao partido?*

Resposta: Nesta pergunta há várias imprecisões.

Em primeiro lugar, eu não conheço esses «bons comunistas» de que fala a delegação. Duvido mesmo que tais comunistas existam na realidade.

Em segundo lugar, devo declarar formalmente que não existem tais condições na admissão de membros no partido, isto é, que exijam que o candidato a membro seja obrigatoriamente ateísta. As nossas condições de admissão no partido são: aceitação do programa e dos estatutos do partido, subordinação incondicional às decisões do partido e dos seus órgãos, o pagamento das quotas de membro, a integração numa das suas organizações.

Um dos delegados: *Tenho lido muitas vezes que os membros que acreditam em Deus são expulsos do partido.*

Stáline: Apenas posso repetir o que disse sobre as condições de admissão no partido. Não temos outras condições.

Significa isto que o partido tem uma relação neutral para com a religião. Não. Fazemos e faremos propaganda contra os preconceitos religiosos. A lei no nosso país reconhece a cada cidadão o direito de professar qualquer religião. Este é um assunto da consciência de cada um. Precisamente por isso efectuámos a separação da Igreja do Estado e, proclamando a liberdade religiosa, mantemos o direito de cada cidadão lutar, pela via de persuasão, pela via da propaganda e da agitação contra esta ou aquela religião, contra qualquer religião. O partido não pode ser neutral em relação à religião, e mantém uma propaganda anti-religiosa contra todos e quaisquer preconceitos religiosos, isto porque o partido defende a ciência, e os preconceitos religiosos vão contra a ciência, porque qualquer religião é algo oposto à ciência. Casos como o que aconteceu

recentemente nos EUA, em que foram condenados darwinistas,¹⁰ são impossíveis no nosso país, porque o partido tem uma firme política de defesa da ciência.

O partido não pode ser neutral em relação aos preconceitos religiosos, e continuará a fazer propaganda contra tais preconceitos, porque esse é um dos melhores meios para socavar a influência do clero reaccionário que apoia as classes exploradoras e professa a submissão a essas classes.

O partido não pode ser neutral em relação aos portadores de preconceitos religiosos, em relação ao clero reaccionário que intoxica a consciência das massas.

Teremos nós derrotado o clero reaccionário? Sim, derrotámos. O problema é que ainda não está completamente liquidado. A propaganda anti-religiosa constitui o meio que permitirá concluir o processo de liquidação do clero reaccionário. Por vezes há casos em que alguns membros do partido colocam entraves ao desenvolvimento da propaganda anti-religiosa. Se esses membros são expulsos, isso é muito positivo, porque tais «*comunistas*» não têm lugar nas fileiras do nosso partido.

Pergunta XII: *Pode caracterizar resumidamente a sociedade do futuro, que comunismo pretende criar?*

Resposta: A caracterização geral da sociedade comunista foi feita nas obras de Marx, Engels e Lénine.

Resumidamente a anatomia da sociedade comunista pode ser descrita assim: a) não haverá propriedade privada dos instrumentos e meios de produção, mas propriedade social, colectiva; b) não haverá classes e poder de Estado, mas trabalhadores da indústria e da agricultura que administrarão as suas actividades económicas como uma livre associação de trabalhadores; c) a economia nacional, organizada segundo um plano, será baseada na técnica mais desenvolvida, tanto na indústria como na agricultura; d) não haverá oposição entre a cidade e o campo, entre a indústria e a agricultura; e) os produtos serão distribuídos segundo o princípio dos velhos comunistas franceses «*de cada um segundo as suas capacidades, a cada sua segundo as suas necessidades*»; f) a ciência e as artes terão condições suficientemente favoráveis ao seu pleno florescimento; g) o indivíduo, libertado da preocupação de ganhar o seu pedaço de pão e da necessidade de se submeter aos «*poderosos do mundo*», tornar-se-á efectivamente livre. Etc., etc.

É óbvio que estamos ainda longe de uma tal sociedade.

Quanto às condições internacionais necessárias ao triunfo completo da sociedade comunista, estas serão criadas e desenvolver-se-ão à medida que aumentarem as crises revolucionárias e as acções revolucionárias da classe operária nos países capitalistas.

Não se pode imaginar que a classe operária de um país ou de vários países caminhará para o socialismo, ou mesmo para o comunismo, e que os capitalistas dos outros países assistirão indiferentes a isso, baixando os braços. Muito menos se pode imaginar que a classe operária dos países capitalistas aceitará ser um simples espectador do desenvolvimento vitorioso do socialismo neste ou naquele país. Na realidade os capitalistas vão fazer tudo o que puderem para estrangular esses países. Na realidade, cada passo sério para o socialismo, e tanto mais para o comunismo, neste ou naquele

¹⁰ Em 1925, de 10 a 21 de Julho, decorreu um julgamento no estado norte-americano do Tennessee, contra o professor John Scopes, acusado de ensinar a teoria da evolução de Darwin. O arguido foi declarado culpado de violar as leis do estado e condenado ao pagamento de uma multa. (Nota da Edição Soviética)

país, será inevitavelmente acompanhado por irresistíveis investidas da classe operária nos países capitalistas para a conquista do poder e do socialismo.

Deste modo, no decurso do desenvolvimento ulterior da revolução mundial e da reacção mundial formar-se-ão dois centros de dimensão mundial: o centro socialista, que puxará para si os países que tendem para o socialismo, e o centro capitalista, que puxará para si os países que tendem para o capitalismo. A luta entre estes dois campos decidirá o destino do capitalismo e do socialismo em todo o mundo.

II. As perguntas do camarada Stáline e as respostas dos delegados

Stáline: *Se a delegação não estiver muito cansada, pediria permissão para lhe colocar algumas perguntas.* (A delegação manifesta a sua concordância)

Pergunta I: *Por que razão a percentagem de operários organizados nos EUA é tão pequena? Julgo que no vosso país existem cerca de 17 milhões de operários industriais. (Os delegados informam que o número de operários industriais se situa entre 18 milhões e 19 milhões). Mas organizados são cerca de três milhões, segundo penso. (Os delegados informam que a Federação Americana do Trabalho conta com cerca de três milhões de operários organizados, e que há mais cerca de meio milhão de operários organizados noutros sindicatos, o que somados perfazem 3,5 milhões de operários organizados.) Pessoalmente considero que é uma percentagem muito pequena de operários organizados em sindicatos. Na URSS, 90 por cento dos proletários estão organizados nos sindicatos. Gostaria de perguntar à delegação se considera positivo o facto de apenas uma pequena percentagem de operários estarem organizados nos sindicatos. Não pensa a delegação que esse facto revela a fraqueza do proletariado norte-americano, a fraqueza das suas armas de luta contra o capitalismo no domínio económico?*

Brophy: A pequena dimensão dos sindicatos explica-se não por tácticas erradas das organizações sindicais, mas pelas condições económicas prevaletentes em geral no país, que não incentivam toda a massa de operários a organizar-se. Estas condições económicas favoráveis reduzem a necessidade da classe operária de lutar contra os capitalistas. Naturalmente que estas condições irão alterar-se. Em simultâneo os sindicatos crescerão e todo o movimento sindical seguirá um outro caminho.

Douglas: Concordo com a explicação dada pelo último interveniente. Acrescento, no entanto, que acima de tudo é preciso ter presente que os capitalistas decidiram recentemente aumentar consideravelmente os salários nos Estados Unidos. Este processo de aumento dos salários também se observou em 1917, 1919 e mais tarde. Se compararmos com 1911, vemos que os salários reais são hoje consideravelmente mais elevados.

No seu processo de desenvolvimento, o movimento sindical foi construído inicialmente e continua hoje a construir-se segundo o princípio corporativo, segundo a profissão, e os sindicatos foram criados principalmente para os operários especializados. Estes sindicatos eram dirigidos por pessoas que representavam uma organização fechada e se esforçavam por obter boas condições para os seus membros. Não tinham motivos

para alargar as organizações sindicais, nem para organizar os operários não qualificados. Além disso, os sindicatos norte-americanos lutam contra um capitalismo bem organizado, que dispõe de todos os meios para evitar a organização dos operários em geral em sindicatos. Por exemplo, se um *trust* é confrontado com uma resistência demasiado forte por parte dos sindicatos numa das suas empresas, pode decidir encerrá-la e transferir a produção para outra unidade. Desta forma conseguem quebrar a resistência dos sindicatos.

O capitalismo norte-americano aumenta voluntariamente os salários dos operários, mas não lhes dá qualquer poder económico ou possibilidade de lutar pela melhoria das suas condições de vida.

Um outro aspecto muito importante é o facto de o capitalismo semear a discórdia entre operários de diferentes nacionalidades. Na maioria dos casos os operários não qualificados são imigrantes oriundos da Europa ou, como tem vindo a acontecer recentemente, negros. Os capitalistas esforçam-se também por dividir operários especializados dos não-qualificados e criar antagonismos entre operários de diferentes nacionalidades, independentemente das suas qualificações.

Nos últimos dez anos, o capitalismo norte-americano tem vindo a seguir uma política claramente orientada para a formação dos seus próprios sindicatos, os chamados sindicatos das companhias. Procuram estimular o interesse dos operários no desenvolvimento da empresa e no aumento dos lucros. O capitalismo norte-americano revela a tendência para substituir a divisão horizontal pela vertical, dividindo assim a classe operária e interessando-a no capitalismo.

Coyle: Abordaria esta questão não do ponto de vista teórico, mas prático. É verdade que é mais fácil organizar os operários nos bons tempos, mas as estatísticas dos associados da Federação Americana do Trabalho mostram que tem vindo a perder gradualmente os operários não qualificados e a aumentar a sindicalização de operários especializados. Isto indica o desejo da Federação Americana do Trabalho de se tornar gradualmente numa organização sobretudo de operários especializados. O movimento sindical nos EUA quase não abrange os operários não qualificados. Nos grandes ramos da indústria não existem praticamente sindicatos. Destes grandes ramos, apenas na indústria mineira e nos caminhos-de-ferro existem organizações sindicais com alguma dimensão, mas mesmo na indústria do carvão, 65 por cento dos operários não estão sindicalizados. Nas indústrias metalúrgicas, da borracha e da construção automóvel quase não há sindicatos organizados. Pode-se afirmar que os operários não qualificados não estão sindicalizados.

Existe uma série de sindicatos não filiados na Federação Americana do Trabalho que procuram organizar os operários não qualificados e semiqualificados. No que toca à posição dos líderes da Federação Americana do Trabalho, é significativo que um deles, o presidente do Sindicato dos Maquinistas, tenha declarado abertamente que não pretende atrair operários não qualificados para o seu sindicato. Os dirigentes sindicais formam uma espécie de casta impenetrável, composta por um número reduzido de indivíduos, que recebem salários elevados, na ordem dos dez mil dólares anuais e mesmo mais.

Dunn: A forma como Stáline colocou a questão não é justa. Se na URSS cerca de 90 por cento dos operários estão organizados, não devemos esquecer que aqui o poder está nas mãos da classe operária, enquanto nos países capitalistas os operários são uma classe oprimida e a burguesia faz tudo para impedir que se organizem. Além disso, nesses

países existem sindicatos reaccionários, dirigidos por líderes reaccionários. Nas condições existentes nos EUA é muito difícil inculcar nos operários a simples ideia do sindicalismo. Isto explica por que razão o sindicalismo nos EUA está tão pouco difundido.

Stáline: *Mas concorda com o orador que o precedeu quando ao facto de alguns líderes do movimento operário dos EUA procurarem restringir o movimento sindical?*

Dunn: Concordo.

Stáline: *Não queria ofender ninguém. Apenas quis mostrar a diferença da situação nos EUA e na URSS. Se ofendi alguém, peço desculpas. (Risos dos delegados)*

Dunn: Não me sinto minimamente ofendido.

Stáline: *Existe nos EUA um sistema de segurança social dos operários?*

Um delegado: Nos EUA não existe um sistema estatal de segurança social para os operários.

Coyle: Na maioria dos estados é paga uma indemnização por acidentes de trabalho que atinge no máximo 30 por cento do salário. Esta indemnização é paga pelas empresas onde os acidentes ocorreram.

Stáline: *Nos EUA existe protecção social do Estado em caso de desemprego?*

Um delegado: Não. O fundo de desemprego apenas pode cobrir entre 80 mil e cem mil desempregados no conjunto dos estados.

Coyle: Existem seguros (não estatais) em caso de acidentes de trabalho, mas não existem seguros de doença ou para os idosos. O seguro é constituído com contribuições dos operários. Na realidade, o fundo é maioritariamente constituído com os descontos pelos próprios operários, uma vez que os empregadores apenas contribuem com cerca de dez por cento, o resto provém dos descontos dos operários.

Stáline: *Penso que terá interesse informá-los de que na URSS o Estado destina anualmente mais de 800 milhões de rublos para a segurança social dos operários.*

Não será supérfluo informá-los de que no nosso país os operários de todos os ramos da indústria, para além do salário normal, recebem um suplemento equivalente a um terço do salário que é destinado à segurança social, melhoria das condições de habitabilidade, necessidades culturais, etc.

Pergunta II. *Como se explica a inexistência de um partido operário de massas nos EUA? A burguesia tem dois grandes partidos – o partido republicano e o partido democrático – e os operários não dispõem do seu próprio partido político. Não consideram que a ausência de um partido operário de massas, mesmo que fosse como o*

que existe na Inglaterra (trabalhista), retira força à classe operária na sua luta política contra o capitalismo? E ainda outra pergunta: por que razão os líderes do movimento operário nos EUA, Green e outros, se manifestam firmemente contra a criação de um partido operário autónomo nos EUA?

Brophy: É verdade que os líderes consideram que não há necessidade de criar um tal partido. No entanto, existe uma minoria que defende a necessidade desse partido.

No presente momento, as condições nos EUA são tais, como já foi referido, que o movimento sindical está extremamente enfraquecido. Essa fraqueza do nosso movimento sindical explica-se, por sua vez, pelo facto de a classe operária não lutar contra os capitalistas devido a estes aumentarem voluntariamente os salários, garantindo-lhe condições materiais satisfatórias.

Stáline: *Mas são sobretudo os operários especializados que têm essas condições garantidas, se é que estão de facto garantidas. Há aqui uma contradição. Por um lado, diz-se que não existe necessidade de organização, uma vez que os operários estão satisfeitos; por outro lado, diz-se que aqueles que estão organizados nos sindicatos são exactamente os mais favorecidos, ou seja, os operários especializados; por fim resulta que os não organizados nos sindicatos são os menos favorecidos, ou seja, os não qualificados, que são aqueles que mais necessitam de organização. Não consigo entender isto de maneira nenhuma.*

Brophy: Sim, há uma contradição, tal como são contraditórias as condições políticas e económicas nos EUA.

Brebner: Apesar de os operários não qualificados não estarem organizados, têm o direito político de voto, daí que se estiverem descontentes podem expressar o seu descontentamento exercendo o seu direito político de voto. Também os operários sindicalizados, se a situação piorar, não irão socorrer-se dos sindicatos, mas exercer o seu direito de voto. Assim, o direito político de voto compensa a falta de organização sindical.

Israels: Uma das principais dificuldades é o próprio sistema eleitoral dos EUA. Quem é eleito presidente não é aquele que recolhe a maioria dos votos em todo o país, ou mesmo a maioria de votos de uma classe em particular. Em todos os estados existe um colégio eleitoral; cada estado elege um determinado número de eleitores que, por sua vez, participam na eleição do presidente. Para ser eleitor, o candidato tem de obter 51 por cento dos votos. Se houvesse três ou quatro partidos nenhum candidato seria eleito e a eleição do presidente teria de ser remetida para o congresso. Isto é um argumento contra a formação de um terceiro partido.

Os opositores ao terceiro partido argumentam da seguinte forma: não proponham um terceiro candidato porque irá dividir o voto liberal e impedirá que o candidato liberal seja eleito.

Stáline: *Todavia o senador La Follette¹¹ criou em tempos um terceiro partido burguês. Conclui-se que o terceiro partido não divide votos se for um partido burguês, mas já divide se for um partido operário.*

Davis: Não penso que o facto referido pelo delegado anterior seja fundamental. O ponto mais importante é o seguinte. Cito um exemplo da cidade onde vivo. Durante as campanhas eleitorais, o representante de um determinado partido oferece ao dirigente do sindicato um cargo importante relacionado com a campanha, colocando alguns fundos à sua disposição, que ele utiliza a seu favor, o que lhe permite granjear algum prestígio. Daqui resulta que são os próprios líderes do movimento sindical que se tornam apoiantes dos partidos burgueses. Naturalmente que quando se fala da criação de um partido operário, estes líderes recusam dar qualquer passo nesse sentido. Alegam que se um terceiro partido fosse criado haveria uma divisão no movimento sindical.

Douglas: O facto de apenas os operários especializados estarem organizados nos sindicatos deve-se principalmente à circunstância de que, para entrar no sindicato, é preciso dispor de certos meios, uma vez que as quotizações são elevadas e os operários não qualificados não podem pagá-las.

Além disso, os operários não qualificados correm o risco de serem despedidos caso se sindicalizem. Só com o apoio activo dos operários especializados, os operários não qualificados poderão sindicalizar-se. Na maioria dos casos tal apoio não existe, o que constitui um dos maiores obstáculos à organização dos operários não qualificados. Os meios políticos são assim a principal via para defenderem os seus direitos. Esta é, em minha opinião, a principal razão pela qual os operários não qualificados não se sindicalizam.

Quero chamar a atenção para uma particularidade do sistema eleitoral norte-americano. Trata-se das eleições primárias directas [nos partidos], nas quais qualquer indivíduo, declarando-se democrata ou republicano por exercer o seu direito de voto. Estou convencido de que Gompers¹² não teria conseguido manter os operários alheados de um programa político próprio, caso não tivesse o argumento das primárias. Sempre disse aos operários que, se desejassem agir politicamente, podiam aderir a um dos dois partidos políticos, alcançar lugares de responsabilidade e exercer influência. Com este argumento Gompers conseguiu afastar dos operários a ideia de organizar a classe operária e formar um partido trabalhista.

Pergunta III: *Como se explica que em relação à questão do reconhecimento da URSS, os líderes da Federação Americana do Trabalho sejam mais reacccionários do que muitos burgueses? Como se explica que burgueses como o sr. Borah¹³ e outros sejam favoráveis ao reconhecimento da URSS, enquanto líderes como Gompers e Green*

¹¹ **La Follette**, Robert Marion (1855-1925), político republicano dos EUA, foi membro da Câmara dos Representantes, governador e senador por Wisconsin (1906-1925). Em 1924, candidatou-se a presidente dos EUA, criando o seu próprio partido progressista. Venceu em Wisconsin e obteve 17 por cento dos votos a nível nacional. (N. Ed.)

¹² **Gompers**, Samuel (1850-1924), fundador da Federação Americana do Trabalho (AFL), à qual presidiu praticamente sem interrupção entre 1886 e 1924. (N. Ed.)

¹³ **Borah**, William Edgar (1865-1940), advogado e político republicano, foi senador por Idaho durante mais de três décadas. (N. Ed.)

sempre tenham conduzido uma propaganda reaccionária contra o reconhecimento da primeira república de operários, contra o reconhecimento da URSS? Como se explica que mesmo um reaccionário como o último presidente dos EUA, Woodrow Wilson, tenha considerado possível saudar a Rússia Soviética, enquanto Green e outros líderes da Federação Americana do Trabalho queiram ser mais reaccionários do que os capitalistas? Eis o texto da «saudação» de Woodrow Wilson, enviado em Março de 1918 ao Congresso dos Sovietes da Rússia, durante a ofensiva das tropas do kaiser alemão contra a cidade soviética de Petrogrado:

«Quero aproveitar a realização do Congresso dos Sovietes para expressar a sincera simpatia que o povo dos Estados Unidos sente pelo povo russo, num momento em que a Alemanha movimenta as suas forças militares dentro do vosso país para interromper e reverter a luta pela liberdade e concretizar os seus planos contra a vontade do povo russo.

Apesar de o governo dos Estados Unidos não estar, infelizmente, em condições para prestar a ajuda directa e efectiva que desejaria, quero assegurar ao povo da Rússia, através do Congresso, que o governo dos Estados Unidos utilizará todas as oportunidades para garantir à Rússia a sua completa soberania e independência nos seus assuntos internos e o pleno restabelecimento do seu grande papel na vida da Europa e do mundo moderno.

O povo dos Estados Unidos está de pleno coração com o povo da Rússia na sua tentativa de se libertar para sempre do governo autocrático e de se tornar dono do seu próprio destino.» (*Pravda*, n.º 50, 16 de Março de 1918)

Pode-se considerar normal que os líderes da Federação Americana do Trabalho desejem ser mais reaccionários do que o reaccionário presidente Wilson?

Brophy: Não posso explicar exactamente a razão, mas penso que os líderes da Federação Americana do Trabalho se opõem ao reconhecimento da Rússia Soviética precisamente pela mesma razão por que não se filiaram na Internacional de Amesterdão. Penso que isso se deve a uma filosofia peculiar dos operários norte-americanos e às diferenças das condições económicas dos operários norte-americanos em relação aos operários europeus.

Stáline: *Mas pelo que sei, os líderes da Federação Americana do Trabalho não se opõem ao reconhecimento da Itália ou da Polónia, onde os fascistas estão no poder.*

Brophy: Ao referir o exemplo da Polónia e da Itália, onde existem governos fascistas, está a explicar a razão do não reconhecimento da URSS pelos EUA. A atitude hostil para com a URSS explica-se pelos dissabores que os comunistas nos EUA causam aos líderes sindicais.

Dunn: O argumento usado pelo interveniente anterior, de que os líderes sindicais não podem reconhecer a URSS devido aos seus desentendimentos com os comunistas nos EUA, não é convincente porque ainda antes da criação do partido comunista dos EUA, já defendiam o não reconhecimento da URSS. A principal razão é que os líderes da Federação Americana do Trabalho são contrários a tudo o que lembre a natureza do

socialismo. E são encorajados nesse sentido pelos capitalistas, que têm a sua própria organização chamada Federação Cívica Nacional, a qual procura por todos os meios voltar a sociedade norte-americana contra qualquer forma de socialismo. Esta organização tomou posição contra Ivy Lee,¹⁴ que defendia o desenvolvimento de relações comerciais entre os EUA e a URSS. Os responsáveis desta organização retorquiram: «*Como poderemos manter a ordem na nossa classe operária quando os liberais começam a fazer afirmações dessas?*» A Federação Cívica Nacional foi criada por um grupo de capitalistas que investiram nela grandes somas de dinheiro e a mantêm sob controlo. Refira-se que o vice-presidente desta organização reaccionária é Matthew Woll, vice-presidente da Federação Americana do Trabalho.

Brophy: As afirmações aqui feitas sobre o carácter reaccionário dos líderes sindicais não correspondem à realidade. É preciso ver esta questão com mais profundidade. A presença da delegação na URSS é a melhor réplica e uma prova evidente da simpatia que uma parte dos operários norte-americanos sente pela União Soviética. Considero que a opinião dos líderes da Federação Americana do Trabalho não difere da opinião da maioria da classe operária nos EUA. A posição da maioria da classe operária em relação à URSS tem a ver com a distância que nos separa. A classe operária dos EUA não se interessa pelos assuntos internacionais, e a influência que a burguesia exerce sobre ela reflecte-se fortemente na sua atitude em relação à URSS.

Pravda, 15 de Setembro de 1927

¹⁴ **Lee**, Ivy Ledbetter (1877-1934), considerado o pai das Relações Públicas, foi contratado pela família Rockefeller, em 1914, para restabelecer a imagem da família e da *Standard Oil*, após uma rebelião nas minas de carvão do Colorado, que ficou conhecida como o «*massacre de Ludlow*». Durante a greve dos mineiros, que durou entre Setembro de 1913 e Dezembro de 1914, cerca de duas centenas de operários perderam a vida nos confrontos com a guarda nacional. (N. Ed.)

Composição da primeira delegação sindical à URSS

Presidente honorário: **L.E. Sheppard**, presidente da Ordem dos Condutores dos Caminhos-de-Ferro; membro da primeira Comissão Federal da Indústria; presidente da Comissão Governamental dos EUA sobre Condições Laborais no Arquipélago do Havai.

Presidente: **James H. Maurer**, presidente da Federação do Trabalho do Estado da Pensilvânia; presidente do Gabinete de Educação de Operários; presidente do Comitê da Escola Sindical de Brookwood; presidente da Comissão de Assistência a Idosos Chairman da Pensilvânia.

John Brophy, presidente do Segundo Distrito do sindicato Mineiros Unidos da América (1917-27); membro do Comitê Executivo do Gabinete de Educação de Operários; membro do Comitê Sindical da Escola Sindical de Brookwood; vice-presidente da Liga da Propriedade Pública da América.

Frank L. Palmer, editor da revista *Labor Advocate* (Colorado); membro do Sindicato Internacional dos Tipógrafos; membro da Universidade e da Escola Sindical de Denver.

James William Fitzpatrick, presidente do Sindicato de Actores e Artistas da América, do Colégio e da Universidade Católica da América.

Secretário: **Albert F. Coyle**, secretário executivo da Comissão das Cooperativas da América; editor do *B. of LE Journal* (1921-27) (*Brotherhood of Locomotive Engineers and Trainmen*); presidente do Partido Progressista do Condado de Cuyahoga; editor da *Cooperative News Service*; licenciado pelas universidades de Stanford e Yale.

Pessoal técnico e consultores

J. Bartlet Bresner, doutorado, professor assistente de História das universidades de Columbia, Oxford e Toronto.

Stuart Chase, director da firma de consultores *Labor Bureau, Inc.*, e contabilista certificado. Licenciado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts e pela Universidade de Harvard; autor de *Tragedy of Waste*, etc.

George S. Counts, doutorado, professor de Formação de Professores; Director do Instituto Internacional de Educação.

Alzada Comstock, doutorado, professor de Economia no Colégio Hount Holyoke; autor de *State Taxation and Personal Incomes*.

Jerome Davis, doutorado, professor de Filantropia Prática na Universidade de Yale; perito em assuntos da Rússia; autor de *The Russian Emigrant*, etc.

Paul H. Douglas, doutorado, professor de Relações Industriais na Universidade de Chicago; autor de *Wages and the Family*, *American Apprenticeship and Industrial Education*, etc.

Robert W. Dunn, investigador na Universidade de Yale; autor de *American Foreign Investments*, *Americanization of Labor*, etc.

Arthur Fisher, bacharel pela Universidade de Harvard e Escola de Direito; antigo professor de Direito na Universidade de Montana.

J.A.H. Hopkins, presidente do Comitê dos 48 [partido político liberal fundado em 1919]; e do Gabinete Nacional de Informação e Educação.

Carlos I. Israels, bacharel pelo Colégio de Amherst; membro do quadro editorial da *Columbia University Law Review*.

R.G. Tugwell, doutorado, professor associado de Economia na Universidade de Columbia; autor de *American Economic Life*, *Industrial Coming of Age*, etc.; editor de *Trend of Economics*.

Carleton Washburne, doutorado pela Universidade de Stanford; superintendente das Escolas Públicas na cidade de Winetka; autor de *New Schools in Old World*, etc.

Pessoal de investigação e secretariado

Melinda Alexander, bacharel pela Universidade de Montana.

Margaret Wood Cartwright, bacharel pela Universidade Urbana.

Margaret Kennedy Coyle, bacharel pela Universidade de Stanford.

Stanislava Piotrowska, universidades de Kiev e Varsóvia.

Sara Ragozin, bacharel pela Universidade de Wisconsin.

Lois Perlmutter, bacharel pela Universidade de Chicago.